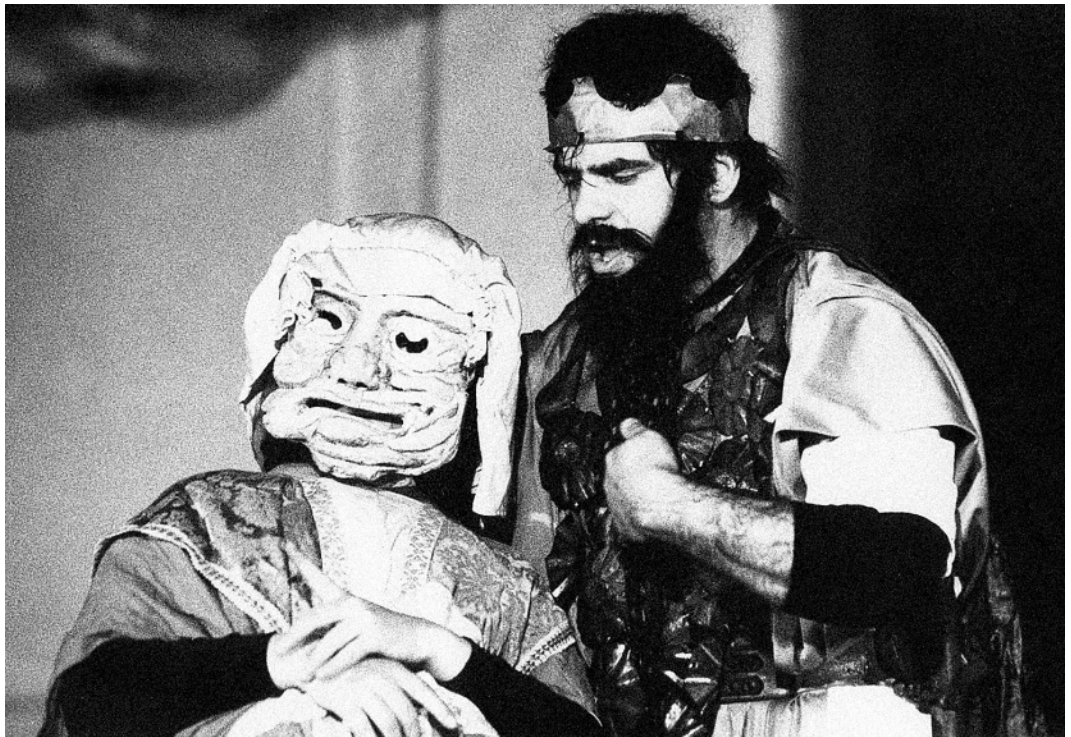


O teatro para a infância e juventude em Portugal

Depois de Abril

José Caldas

>
Afonso Henriques,
criação colectiva,
enc. João Brites,
O Bando, 1982
(Raul Atalaia),
fot. Arquivo Bando.



José Caldas é actor, dramaturgista, pedagogo e encenador, com uma vasta formação curricular (Rio de Janeiro, Londres, Paris) e a trabalhar em Portugal desde 1974. Vem-se dedicado sobretudo a espectáculos para a infância e juventude, tendo recebido vários prémios ao longo da sua carreira. Desde 1997 dirige o grupo de teatro Quinta Parede e, desde 2001, pertence à direcção da ATINJ – Associação Portuguesa de Teatro para a Infância e a Juventude.

Uma poética do inconformismo

O teatro para a infância e juventude em Portugal após o 25 de Abril caracterizou-se por uma poética do inconformismo. Os grupos reunidos no CPTIJ – Centro Português de Teatro para a Infância e Juventude, procuravam e propunham um teatro teatral – um objecto artístico, criado por artistas adultos, a ser fruído por um público de crianças e jovens, pais e professores. Filiado na ASSITEJ – Associação Internacional de Teatro para a Infância e Juventude, o CPTIJ fez parte do seu executivo durante quatro mandatos.

Inconformados com uma tradição de "teatro infantil", cujas preocupações eram didácticas, moralizadoras e pedagógicas, e que praticava uma estética redutora, o movimento vinha propor – através dos seus grupos – estéticas diferenciadas, poéticas pessoais e uma visão do mundo a partir dos seus criadores.

Grande parte dos grupos vinha da animação cultural e teatral, trabalhavam com crianças e professores; com associações de moradores e espaços sociais diversificados,

criando vínculos profundos com estas instituições e com um público multietário.

A relação privilegiada era com as escolas, uma vez que o corpo a corpo com as crianças de várias classes sociais e a iniciação dos professores a nível das expressões favorecia uma estreita relação com o mundo do teatro-arte que aglutina as várias expressões artísticas, favorece a interdisciplinaridade e um profundo trabalho em grupo. Esta relação com o mundo da escola favoreceu – junto dos professores – uma visão renovada da arte teatral e um diálogo constante com os criadores, tornando os espectáculos um lugar de sociabilização, mas abriu também um espaço de discussão que punha em causa o didactismo e colocava o público de crianças e jovens na condição de cidadãos de pleno direito a fruir obras de arte complexas e provocadoras. Um teatro que se queria emancipador.

Ao mesmo tempo esta animação teatral foi escola de uma nova dramaturgia porque os actores e encenadores deviam reelaborar e recriar as invenções das crianças. A beleza e o prazer deste exercício de linguagem teatral



eram descobertos gradualmente, e percorrer com as crianças esta aventura tornava muito gratificante o resultado. Depressa dávamos conta que estávamos reinventando, a partir da experiência nas escolas, uma forma de teatro popular que deixava curiosos os adultos.

Estes espetáculos diferentes – ambíguos, experimentais, atípicos e sem o aval do texto teatral tradicional – surpreendiam os críticos que se sentiam muitas vezes sem parâmetros para analisá-los: teatro para crianças? teatro para adultos? A perplexidade, a incompreensão e a insegurança de alguns críticos, pedagogos e funcionários da Secretaria de Estado da Cultural, tendiam a marginalizar ou penalizar estas criações. Somente a Fundação Gulbenkian, de então, aberta a novas potencialidades, apoiava esta estética não afirmada e apostava no novo e no ainda não reconhecido.

A realização de 15 Encontros Nacionais de Teatro do CPTIJ – em várias cidades e sempre apoiados pela Gulbenkian –, permitiram aos grupos a apresentação dos seus espetáculos que eram então discutidos



incansavelmente pelos criadores, professores, artistas de outras áreas e convidados estrangeiros, promovendo assim o seu crescimento estético e ético. Como escreveu o crítico de teatro Mário Sérgio n' *O Jornal* – 08/07/1983

Reflexos de amor, dedicação e entrega existiam em todos os espetáculos deste 5º Encontro: são qualidades que não se verificam, muito, no outro teatro – o que é destinado ao adulto.

Associados ao CPTIJ estavam aqueles que trabalhavam exclusivamente para este sector do teatro como O Bando e a sua dramaturgia a partir de uma cenografia polissémica e uma grande carga político-ideológica; Oficina de Teatro e Comunicação, o primeiro a criar um objecto radicalmente artístico a partir da poesia de Cecília Meireles; Joana Grupo de Teatro, que se exprimia através do lirismo e de um jogo de *nonsense*; Teatro da Columbina, de Leiria, ancorado numa ambiguidade arte/psicologia; Pé de Vento, Porto, que desenvolvia uma relação íntima entre autor/poeta e a criação dramática num sentido lato;

<

História da ilha do tesouro de Stevenson, adapt. Jorge Loureiro Figueira, enc. José Leitão, Teatro Art'Imagem, 2009 (Teresa Alpendurada e Flávio Hamilton), fot. Marcos Araújo.

<

O escaravelho contador, a partir do texto de Manuel António Pina, enc. José Caldas, Companhia de Teatro de Braga, 2008 (Carlos Feio, Rogério Boane e Solange Sá, fot. Paulo Nogueira.

>

Quem come a minha casinha

[a partir de *Hansel e Grete*], Irmãos Grimm, enc. José Caldas, Jangada Teatro, 2007 (Xico Alves, Patrícia Ferreira, Luis Oliveira e Vânia Pereira), fot. Jangada Teatro.

>

*As lenheiras de Cuca**Macuca,*

de João Pedro Messeder,

enc. José Caldas,

Marionetas de

Mandrágora, 2008

(Clara Ribeiro

e Filipa Alexandre).

>

Bicho papalivros,

texto e enc. colectivos,

Pim Teatro, 2005

(João Sérgio Palma,

Helena Stanislaw,

Alexandra Espiridião e

Paulo Vasques),

fot. Ana Duarte.

>

Acende a noite,

a partir de Ray Bradbury,

enc. José Caldas,

Quinta Parede, 2009

(fotografia José Caldas),

fot. Sandra Ramos.

>

Il Colombre,

a partir de Dino Buzzati,

enc. José Caldas,

Quinta Parede / Itaca

Teatro, 2010

(Gianni Bissaca

e Beppe Turletti),

fot. DPstudio.

Teatro Infantil de Lisboa, apostado num estilo próximo da revista à Portuguesa; Teatro de Animação e Intervenção, do Porto, grupo amador, que renovava o teatro de marionetas através de uma linguagem cheia de humor e de uma variada estética das formas; A Lanterna Mágica, teatro de marionetas tradicional; Teatro do Nosso Tempo, com seu espaço (físico) de teatro dedicado a este público; Sete Ofícios que dava continuidade a uma poética da ambiguidade; Teatrão, de Coimbra, que utilizava textos estrangeiros contemporâneos escritos especialmente para a infância, dando sequência à experiência da Unidade Infância de Évora; Papa-léguas, um teatro de animação, procurando nos jogos das crianças inspiração dramática; e o Teatro de Fantoches da Branca Flor, Lisboa. Mas havia ainda outros grupos que, de forma esporádica, trabalhavam também para as crianças: o Centro Cultural de Évora, que criou a primeira Unidade Infância; o Teatro de Animação de Setúbal; A Comuna; o Grupo Teatro Hoje, o Teatro de Campolide e o Teatro da Cornucópia.

Uma estética da resistência

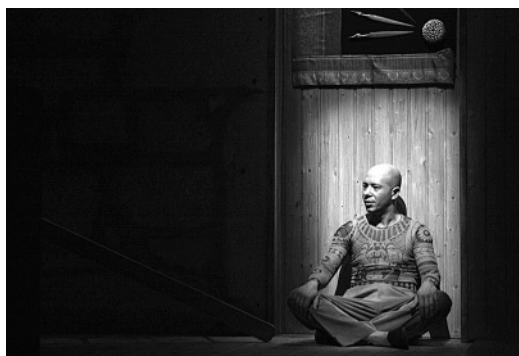
O que caracteriza os grupos contemporâneos é a sua incansável resistência contra a vontade de destruição (ou o esquecimento) deste teatro pela política cultural do Estado e por algumas instituições culturais, como é o caso da Fundação Gulbenkian e Câmara Municipal do Porto.

Dos 14 grupos dedicados à Infância e Juventude somente três contam com um pequeno subsídio continuado do Estado. Os seus espectáculos têm a poética do essencial: poucos actores em cena, uma cenografia necessária e transposições cénicas de textos clássicos, livres, portanto, de direitos de autor. Um teatro "pobre" de retorno ao essencial, deixando muito dos floreios que o "dinheiro" precisa de justificar, que valoriza sobretudo o trabalho do actor, e uma grande economia de meios para o máximo de expressão. Afinal, um movimento que encontra glória e beleza na sua própria debilidade: as circunstâncias exteriores guiam e indicam um caminho.

Contando somente com o seu público para dar continuidade ao seu trabalho, este teatro aposta numa poética da ambiguidade, espectáculos que interessam um público multietário, que é na realidade aquele que o frequenta: as crianças, os pais, os professores, jovens e famílias.

Há que referir que o antigo CPTIJ extinguiu-se nos anos 90 e foi substituído pela ATINJ, Associação de Teatro para a Infância e a Juventude, criada em 2001, cujo objectivo principal é:





[...] tornar fundamental a tomada de consciência de que a formação do gosto crítico e, portanto, exigente, dependerá em grande medida dos trajectos de contacto com a arte iniciados precocemente. O teatro dirigido à infância e juventude deve, assim, investir no contacto entre as (suas) linguagens artísticas e as linguagens propriamente pedagógicas e de mediação sociocultural dos pais, dos professores, dos educadores e dos restantes técnicos de serviços sociais e educativos – sem confundir os três planos (artístico, pedagógico e sociocultural) e sem ceder a utilitarismos nada dignificantes para qualquer deles. O reconhecimento público de que não se trata de um segmento menor ou fácil, mas de um teatro de criação, e, portanto, de exploração de linguagens artísticas e de estéticas inovadoras. (Documento Programático da ATINJ, Junho de 2007).

A ATINJ organizou três Encontros: um em Évora, outro em Almada, incluído no "Sementes" e o último, no Porto, durante o "Fazer a Festa". Os dois últimos encontros foram modestamente apoiados pela DGArtes. Foram convidados para estes Encontros programadores e estudiosos de outros países, que nos deixaram testemunhos elogiosos, como foi o caso da dramaturga e cenógrafa francesa Karin Serres e o de Maurice Yendt, – dramaturgo, encenador e presidente da francesa ATEJ – Association du Théâtre pour l'Enfance et la Jeunesse¹.

A partir destes contactos com o estrangeiro decorreram convites a vários grupos para se apresentarem em Festivais Internacionais em França, Itália, Espanha, Brasil e América Latina.

Estão associados à ATINJ alguns dos precursores do teatro contemporâneo para o público jovem como o Pé de Vento, do Porto, que construiu o Teatro da Vilarinha, dedicado às crianças e aos jovens e que prossegue a sua linha artística de intensa relação com os autores dos textos – um teatro da palavra poética; a Quinta Parede, de Matosinhos, que dá continuidade a um teatro poético inspirado na dramaturgia arquetípica de língua portuguesa; o Teatro Art'Imagem, do Porto, com o seu projecto de teatro popular, articulando com o Festival Internacional

Fazer a Festa para um público multietário; o Joana Grupo de Teatro, de Cascais, com seu projecto de Teatro de Rua, de grande singularidade, poesia e humor.

Nos novos observamos o trabalho do Teatro Extremo, de Almada, que criou o seu espaço teatral dedicado à infância, e se caracteriza quer pela procura de um teatro "popular" e por experiências estéticas com encenadores nacionais e estrangeiros, quer por realizar também o único Festival Internacional de Teatro para o Pequeno Público em Portugal: Sementes; o Pim Teatro, de Évora, que alia a animação com crianças e jovens às suas criações colectivas, onde as experiências servem de estímulo a estéticas particulares; o Lua Cheia, de Lisboa, utiliza marionetas e actores em trabalhos líricos e delicados; o Teatro do Elefante, em Setúbal, experimenta uma relação com os muito novos, a partir dos bebés, desenvolvendo técnicas de animação e jogos lúdicos; o Teatro e Marionetas de Mandrágora, de Gondomar, um projecto de marionetas de vários estilos e teatro de rua, com uma coerente pesquisa antropológica e estética: o Teatro de Formas Animadas, em Vila do Conde, viaja entre o teatro tradicional, como os Mamulengos, o Teatro de Papel, experiências requintadas com os clássicos e recursos áudio visuais; a Companhia de Ópera do Castelo, em Lisboa, a partir da música erudita e particularmente da ópera, propõe uma fruição cheia de humor e poesia, proporcionando um contacto único com este tipo de música. Entre os mais recentes – e que não conheço tão bem – estão o Bica Teatro, em Lisboa; o Espelho Mágico, de Setúbal; o 3 em Pipa, de Odemira; A Tarumba, de Lisboa.

Entre aqueles que dedicam parte do seu trabalho à infância e juventude destaca-se o Jangada Teatro, de Lousada, que anualmente faz um espectáculo para este público específico, e tem uma secção para a infância no seu Festival anual "Folia". Os seus espectáculos partem de contos tradicionais articulando-os com uma estética dos nossos dias e são de grande nível profissional.

Simpatizante da Associação, O Bando, em Palmela,

<

A menina do mar,
de Sofia de Mello Breyner
Andresen,
enc. colectiva, Lua cheia,
1996 (Sylvan Peker, Maria
João Trindade e Ana Enes),
fot. Ivânia West.

<

Papalaguí,
de Tuiavi,
enc. João Luís,
Pé de Vento, 1996
(David Costa).

>

Payassu,
a partir de textos de Padre
António Vieira,
enc. Marcelo Lafontana,
Teatro de Formas
Animadas, 2009
(Marcelo Lafontana),
fot. J. Pedro Martins.

¹ Ver *Ideias e Opiniões*,
www.atinj.pt

>
O rei vai nu,
 de Hans Christian
 Andersen,
 enc. Isabel Leitão,
 Teatro Extremo, 2010
 (Rui Cerveira
 e Bibi Gomes),
 fot. P2f atelier.



continua a incluir no seu repertório espectáculos para a infância, com a inventividade que o caracteriza.

Como associada individual, Teresa Duarte, ex-assessora da DGArtes, licenciada em História, tem-se dedicado a uma investigação sobre o período que vai desde o final da monarquia até o trabalho do CPTIJ e prepara o livro *Teatro para crianças, teatro para todos: Um percurso histórico do teatro para a infância em Portugal*.²

Entre as companhias que não se dedicam em exclusivo ao teatro para a infância e juventude mas que têm dedicado

parte do seu trabalho a este público estão a Companhia de Teatro de Almada, o Teatro do Noroeste, o Teatro Nacional de São João, Visões Úteis, o Teatro de Marionetas do Porto e a Companhia de Teatro de Braga, entre muitas outras.

Num tempo em que o paradigma dominante na educação é a ciência e a matemática, insistimos que as nossas criações artísticas, sem negarem o valor dos outros campos do conhecimento, se afirmam como território do pensamento abstracto e do complexo jogo lúdico, bem como um processo que pode educar enquanto arte.

² Cabe referir aqui também o livro de Glória Bastos, *O teatro para crianças em Portugal: História e crítica*. Lisboa, Caminho, 2006.